



-HELOISA PAULO
ALBERTO PENA-RODRÍGUEZ
CRISTINA CLÍMACO
ENRIQUE CORAZA DE LOS SANTOS
(COORDS.)

**MIGRAÇÕES E EXÍLIOS
NO MUNDO
CONTEMPORÂNEO**

Diretor Principal

Maria Manuela Tavares Ribeiro

Os originais enviados são sujeitos a apreciação científica por referees.

Comissão Científica

Agnes Szilagyí

Universidade Eötvös Loránd (Budapeste)

Alice Kessler-Harris

Columbia University

Álvaro Garrido

Universidade de Coimbra

Daniel Innerarity

Universidad de Zaragoza

Hipólito de la Torre Gómez

UNED – Madrid

Ioan Horga

Universidade de Oradea – Oradea

Jean Garrigues

Universidade de Orléans

João Paulo Avelãs Nunes

Universidade de Coimbra

Jorge Alves

Universidade do Porto

Luís Reis Torgal

Universidade de Coimbra

Maria da Conceição Meireles

Universidade do Porto

Maria Luíza Tucci Carneiro

Universidade de São Paulo (Brasil)

Mariano Esteban Vega

Universidade de Salamanca

Maurizio Ridolfi

Università della Tuscia (Viterbo)

Rui Cunha Martins

Universidade de Coimbra

Sérgio Campos Matos

Universidade de Lisboa

Edição

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensa@uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX

Imagem da Capa

© Arquivo da Guarda Fiscal, Lisboa

Infografia da Capa

Raquel Aido

Infografia

Ceis20

Revisão

Marlene Taveira

Print By

KDP

ISBN

978-989-26-1789-3

ISBN Digital

978-989-26-1790-9

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1790-9>

© AGOSTO 2020,

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

HELOISA PAULO
ALBERTO PENA-RODRÍGUEZ
CRISTINA CLÍMACO
ENRIQUE CORAZA DE LOS SANTOS
(COORDS.)

MIGRAÇÕES E EXÍLIOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



ÍNDICE

Introdução

Heloisa Paulo; Alberto Pena-Rodríguez; Cristina Clímaco; Enrique Coraza de los Santos 11

O EXÍLIO EM PORTUGUÊS

1. História de Exílios e Exilados: abordagens da memória

Heloisa Paulo 17

2. Redes e conexões antifascistas no exílio europeu nos anos 30

Cristina Clímaco 35

3. Armando Cortesão en Londres y la Comunidad Ibérica de Naciones: el federalismo en los exilios ibéricos

Jorge de Hoyos Puente 63

4. O Exílio no Novo Mundo. José Rodrigues Miguéis, o “Companheiro Pombo”

Luís Farinha 87

5. Inmigración y prensa étnica portuguesa en los Estados Unidos de América: raíces, significación histórica e imaginario

Alberto Pena-Rodríguez 103

6. Exílios e Resistências antissalazaristas em São Paulo/Brasil. O Jornal Portugal Democrático: questões e debates (1958-1977)

Maria Izilda Santos de Matos 125

7. A imprensa militante portuguesa em França: o caso do jornal “O Alarme! (1972-1975)

Sónia Ferreira 149

8. L'évolution d'O Imigrado Português au gré des logiques historico-politiques <i>Inês Espírito Santo</i>	177
9. A voz da oposição exilada no Seminário de Nova Deli (1961) <i>Filipa Sousa Lopes</i>	201
10. Joaquim de Carvalho e a missão portuguesa no Brasil <i>Débora Dias</i>	221
11. Casais Monteiro: um oposicionista português no Brasil <i>Rui Moreira Leite</i>	249
12. Um exílio literário. O caso de Carlos Selvagem <i>Sérgio Neto</i>	267
13. A Frente de Unidade Angolana (FUA) no Exílio em França e na Argélia (1962-1963) <i>Fernando Tavares Pimenta</i>	285

PORTUGAL COMO TERRA DE EXÍLIOS

1. Movilidades bélicas en Portugal durante y después de la guerra civil española <i>Ángel Rodríguez Gallardo</i>	309
2. Uma Internacional Intelectual <i>Lidiane Soares Rodrigues</i>	339
3. Anos dourados versus anos de chumbo: o exílio de Juscelino Kubitschek em Portugal e o nascimento da Frente Ampla de oposição à ditadura militar brasileira (1966-1967) <i>Sarah Luna de Oliveira</i>	367
4. De Leste para Oeste, histórias de exílio na literatura portuguesa: o caso de Ilse Losa e Jorge Listopad <i>Isabelle Simões Marques</i>	383
5. Portugal, the German exile's land: the extraordinary case of Ilse Losa <i>Giorgia Sogos</i>	405

6. Sentir-se surrealista em Portugal: os exílios (não) demandados dos surrealistas <i>Maria João Simões</i>	419
--	-----

EXÍLIOS: OLHARES CRUZADOS

1. Los exilios entre España y América y la dimensión comparada <i>Enrique Coraza de los Santos</i>	441
2. La investigación del exilio argentino de la última dictadura militar en el espejo de la historia/Historia del exilio republicano español <i>Silvina Jensen</i>	467
3. Los hijos del exilio y su generación: algunas imágenes de sus encrucijadas <i>Silvia Dutrénit Bielous</i>	499
4. Notas para un debate: los trabajadores exiliados. Aportes desde la experiencia latinoamericana <i>Mónica Gatica</i>	519

**SENTIR-SE SURREALISTA EM PORTUGAL:
OS EXÍLIOS (NÃO) DEMANDADOS DOS
SURREALISTAS**

Maria João Simões

*Quando a pátria que temos não a temos
Perdida por silêncios e por renúncia
Até a voz do mar se torna exílio
E a luz que nos rodeia é como grades
Sophia de Mello Breyner Andresen*

1. Ser surrealista: possibilidade mitigada e perseguição no Estado Novo

O movimento surrealista teve as suas primeiras manifestações em Portugal não apenas depois de instaurado o regime do Estado Novo mas, mais do que isso, quando o regime já tinha encetado uma escalada de iniciativas para se manter e se autoproteger. Em 1947, quando se forma o primeiro grupo surrealista — o Grupo Surrealista de Lisboa — a PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado) já tinha dado lugar à PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), que, para além de polícia política, tinha funções nos serviços estrangeiros e de fronteiras. O ano de 1947 é o ano em que Salazar ilegaliza o MUD e persegue elementos da oposição ao regime que, depois do fim da 2.^a Guerra Mundial, se estava tornando mais ativa e organizada.

Os surrealistas participaram em várias atividades de oposição ao regime e, desde muito cedo, as suas exposições e reuniões foram seguidas pela PIDE, constando registos destes eventos em vários processos do arquivo desta polícia¹. Alguns dos surrealistas participaram na campanha eleitoral de Norton de Matos para as eleições de 1949, das quais o general desistiu por não haver condições de voto livre, na sequência de idêntica decisão do MUD. Por exemplo, Mário Henrique Leiria será preso a 11 de fevereiro², sobretudo pelo seu envolvimento nesta campanha, para a qual remetia também a capa da 1.ª exposição do Grupo Surrealista de Lisboa.

Aliás foram vários os surrealistas que estiveram presos, como aconteceu com Alexandre O'Neill que assinou, em novembro de 1953, o manifesto “Pela Paz entre as Nações” e foi detido em 20 de dezembro por participar, no aeroporto, na receção de homenagem a Maria Lamas que regressava da reunião do Conselho Mundial da Paz. É de notar que Maria Lamas era uma figura muito importante da resistência: esteve presa por diversos períodos, sendo a primeira prisão, em 1949, em incomunicabilidade. Foi forçada a exilar-se várias vezes entre 1953 e 1962³.

Como expõe a historiadora Adelaide G. Tcheng⁴, nos arquivos da PIDE encontram-se as fichas de muito escritores surrealistas, tendo a maioria deles entres dois a cinco processos. A oposição dos surrealistas é manifestada claramente na 1.ª Exposição do Grupo Surrealista de

¹ ROCHA, Francisco Canais – “Norton de Matos A campanha eleitoral contra a ditadura fascista foi há 60 anos”. *Jornal da Fiequimetal*, n.º 4 (abril 2009), p. 187

² TCHEN, Adelaide Ginga – *A Aventura Surrealista*. Lisboa: Colibri, 2001, p. 193-194.

³ GARROCHINHO, António – “Maria Lamas. Maria da Conceição Vassalo e Silva da Cunha Lamas (1893-1983)”. *Desenvolturas & Desacatos* [Em linha], 26 de junho 2011. Disponível em: <http://desenvolturasedesacatos.blogspot.pt/2011/06/maria-lamas-maria-da-conceicao-vassalo.html>

⁴ TCHENG, Adelaide G. – *Op. Cit.*, p. 189.

Lisboa, tornando-se mais conhecida do público pelo facto de ser apresentada com uma capa antifascista e ter sido proibida pela censura.

Cesariny, por exemplo, foi preso várias vezes por participar nas atividades surrealistas e “por atentado aos bons costumes”. O seu processo na PIDE refere a sua ida para Paris, em 1947, onde frequentou a Academia de La Grande Chaumire e onde contactou com os surrealistas franceses⁵. O relator do processo alude à sua reputação: “segundo consta é um miserável”; ora, para além da explícita avaliação moral, o facto de não ser abastado era um elemento que o tornava ainda mais suspeito, pois levanta a suspeita de que poderia ter ido para Paris com alguma bolsa de origem comunista⁶. Só em 1962, poderá voltar a Paris, pedindo ajuda a Vieira da Silva⁷ para escapar às constantes perseguições da PIDE. A pintora enviou-lhe um quadro cuja venda permitiu ao poeta ir para Paris durante algum tempo. Cesariny foi um dos primeiros a apreciar e a escrever sobre a pintura de Vieira da Silva, publicando uma “Carta aberta à pintora Vieira da Silva” e o texto com o sugestivo título “Maria Helena Vieira da Silva, pintora de renome universal, é quase uma desconhecida no nosso país”⁸. Na carta pública, Cesariny expressa “uma insistente exposição do desejo, necessidade e valor, de [ver] a sua obra franqueada ao público, em Lisboa”, mas alerta logo de seguida: “esta notícia não é um chamamento.

⁵ Em 1947, Cesariny conheceu André Breton em Paris, mas, numa entrevista ao jornalista Vladimiro Nunes disse: “É. Mas eu já ia surrealista, não fui lá ser surrealista. Queria era conhecê-lo!” (CESARINY, Mário – “Entrevista” (realizada pelo jornalista Vladimiro Nunes). *Sol*, 7 de outubro de 2006. Disponível em linha: <http://cesariny.blogspot.pt>).

⁶ TCHENG – *Op. Cit.*, p. 192.

⁷ Na referida entrevista, o jornalista relembra: “O Mário também costuma falar de uma estada em Paris, financiada com a venda de um quadro da Vieira da Silva... — É verdade. Eu escrevi-lhe a dizer: ‘Maria Helena, estão a apertar muito o rabo do gato’. A polícia fazia-me lá ir como suspeito de vagabundagem. Então, a Vieira da Silva, através do Manuel Cargaleiro, deu-me um quadro dela, muito bonito. Eu só pedia dinheiro para a passagem, mas aquilo rendeu imensa massa, que eu fui conspicuamente gastar lá para fora.” (CESARINY – *Op. Cit.*).

⁸ Textos publicados no Jornal *Cartaz*, em junho e julho de 1952.

É uma homenagem. De maneira nenhuma nos pertence “chamar” de quem de tão alta maneira chamou a si o Mundo. É a nós que pertence ir ter consigo, com a sua Arte”. Mais tarde, o poeta interpretará este final como querendo dizer “que, era favor não pensasse em voltar, [que] ficasse onde estava”⁹. Queria o poeta dizer que o ambiente em Portugal era tão sufocante, mesquinho e provinciano que seria um desperdício se Vieira da Silva viesse para Portugal — o que o poeta expressa em carta da seguinte forma:

“A Maria Helena tem sido, aqui, o grande susto – a hipótese da saúde. Agora, os nossos doentes propõem-se aptos a respirar o seu oxigénio, sem repararem muito em que é o de uma altura a que a Maria Helena os coloca. Claro que haverá muitos muito leais admiradores. Mas ser-se admirador não é difícil – não é o mais difícil. Sinto, em suma, que os que se chamam portugueses deveriam ter uma vergonha horrível de falar de si. Verdade é que os portugueses falam pouco, de uma maneira geral”¹⁰.

Cesariny não saiu de Portugal senão temporariamente, só porque não tinha situação financeira que lhe permitisse sair do país.

Já Fernando Lemos, pintor e fotógrafo, conseguiu sair do país, pois emigrou para o Brasil em 1953; porém, esta emigração é uma forma encoberta de exílio, pois, na verdade, ele era procurado pela PIDE que emitiu uma ordem de captura sobre ele, constando no processo o “solicitar a título devolutivo o respectivo bilhete de identidade”¹¹. De acordo com o que o próprio artista esclarece, num texto publicado em 1967, num jornal brasileiro, a concessão do seu passaporte para

⁹ CESARINY – *Op. Cit.*, p. 5.

¹⁰ CESARINY – *Op. Cit.*, p. 42.

¹¹ TCHEN – *Op. Cit.*, p. 198.

emigrar deveu-se a uma confusão de nomes, pois o seu nome artístico era diferente do seu nome de registo.

Esta e outras situações explicam porque não surgem de forma muito explícita referências ao exílio: alguns surrealistas saíram da pátria para não regressarem mais; outros “emigraram” como forma de fuga; outros, ainda, conseguiram partir, mas foram obrigados a voltar por questões económicas. Para além de todas estas situações, acresce que, para muitos, o exílio foi um exílio interior e a saída de Portugal muito desejada, mas impossível de concretizar.

Alguns aspetos e matizes das noções de exílio

A este propósito convém, então, ponderar algumas diferenças e alguns matizes sobre as noções de exílio, tal como aqui são entendidas.

Edward Said, em 1984, escreve o seu célebre ensaio “Reflexões sobre o exílio”¹², onde aborda a questão da vivência do exilado salientando a fratura vivencial que origina e a dualidade e ambivalência do sentir e do estar do exilado:

[...] estranhamente o exílio inculca-nos a pensar sobre ele, mas é terrível de vivenciar. (...) Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um eu e seu verdadeiro lar. Sua tristeza essencial jamais pode ser superada (...) As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (...) Os exilados são sempre excêntricos que sentem a sua diferença (ao mesmo tempo que, com frequência, a exploram)¹³.

¹² Este ensaio é reunido mais tarde na obra *Reflections on exile and others essays*, publicada em 2000.

¹³ SAID, Edward – *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46, 55.

Na teorização de Edward Said, é fundamental quer a ideia de coação quer a ideia de perda:

“O exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, é produzido por seres humanos para outros seres humanos, é uma condição criada para negar a dignidade e a identidade das pessoas. Nesse sentido o exílio não pode ser posto ao serviço do humanismo”¹⁴.

Este modo de concetualizar o exílio permite incluir certas situações vividas pelos surrealistas como a do exílio interior ou interno ou, ainda, a da suposta emigração que, em alguns casos é uma forma encapotada de exílio.

Por sua vez, Claudio Guillén¹⁵, no texto “On the Literature of Exile and Counter-exile” distingue a “literatura de exílio” da “literatura de contraexílio”, dizendo que a primeira, situada no lugar de exílio, dá voz à experiências de forma direta ou confessional, perfilando-se como vinculada a ideia de cultura específica unitária e a “sentimentos modernos de nacionalismo”; a segunda implica que o autor escreva desde o exílio, distanciando-se dele e reagindo às condições sociais e políticas que o envolvem. Considerando Ovídio com uma figura arquetípica do exilado, em “El sol des desterrados”, de 1998, o conhecido comparatista afirma que o exilado se expõe como uma “sensibilidade afligida, negativa, centrada no protesto, na nostalgia, na lamentação”¹⁶.

Num estudo mais recente, McClennen contesta as perspetivas dualistas de alguns teóricos e a categorização dualista de Claudio

¹⁴ SAID, E – *Op. Cit.*, p. 47.

¹⁵ GUILLÉN, Claudio – “El sol de los desterrados”. In *Múltiples Moradas – Ensayo de literatura comparada*. Barcelona: Tusquets Editores, 1998, p. 279.

¹⁶ *Idem*, p. 36.

Guillén — exílio (nostálgico) e contraexílio (criativo), propondo uma abordagem compreensiva da tensão dialética entre estes lados. Baseando o seu estudo em vários autores de Espanha e da América Latina estudados, esta investigadora afirma que muitos textos, com efeito, mostram ambos os lados desta dialética numa tensão não solucionável.

Propõe-se analisar o exílio sob vários ângulos, cruzando quatro componentes cruciais:

“Utilizo estes casos para defender uma teoria da escrita do exílio que reflita estas tensões e recuse privilegiar apenas uma faceta das complexas condições culturais do exílio. É minha ideia fundamental sustentar que a literatura de exílio contém uma série de tensões dialéticas que se desenvolvem à volta de componentes centrais da identidade cultural do exílio: nação, tempo, linguagem e espaço¹⁷.

Se se pretender aprofundar este cruzamento de fatores e adentrar na sua complexidade deverá considerar-se uma granulagem mais fina relativamente aos fatores implicados nos movimentos migrantes. Pioneiros neste campo foram os teóricos do chamado “transnational turn” que salientaram os mecanismos de retroação e reciprocidade que se verifica em muitos dos movimentos migrantes.

Investigadores do fenómeno migrante apontam como atualmente se acentuam alguns destes aspetos:

[A] migração transnacional surg[e] dentro de espaços sociais fluidos que são constantemente reconfigurados através do

¹⁷ McCLENNEN, Sophia A. – *The Dialectics of Exile. Nation, Time, Language and Space in Hispanic Literatures*. West Lafayette/Indiana: Purdue University Press, 2004, p. 2.

envolvimento dos migrantes em mais do que uma sociedade simultaneamente¹⁸.

Embora se acentuem no mundo contemporâneo, certas características dos fluxos migratórios marcaram sempre os seus movimentos:

Os migrantes mantêm relações múltiplas — familiares, social, organizativa, religiosa e política — que atravessam e ligam fronteiras¹⁹.

Este tipo de entendimento relacional, de malha apertada, permite perceber melhor as situações específicas dos artistas surrealistas relativamente às questões do exílio e da emigração, facultando a possibilidade de deslindar os nós das relações estabelecidas dentro do tecido social dos meados do século.

Isolamento e exílio num (de um) país ignorante

Neste sentido, relativamente aos artistas surrealistas, ou próximos do surrealismo, é possível observar-se uma diáspora diversificada com características diferenciadas e com uma gradação evidente – gradação essa que vai da recusa de saída por parte do poder e do Governo até à recusa de concessão de Bilhete de Identidade.

Num dos extremos estará o caso do **exílio “interno e interior”** dos que não puderam partir, como aconteceu com O’Neill. É conhecida

¹⁸ BASCH et al., apud LEVITT, Peggy; JAWORSKY, Nadia – “Transnational Migration Studies: Past Developments and Future Trends”. *The Annual Review of Sociology*, vol. 33 (2017), p. 129-156. Retrieved from: <https://www.annualreviews.org/doi/full/10.1146/annurev.soc.33.040406.131816>

¹⁹ SCHILLER et al., apud BAILEY, Adrian J. – “Turning transnational: notes on the theorisation of international migration”. *International Journal of Population Geography. Special Issue: “(Re)theorising Population Geography”*, Vol. 7, No. 6 (November/December 2001), p. 413–428. Retrieved from: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ijpg.239>

a sua história de “amor contrariado”: quando Nora Mitrani, escritora surrealista francesa vem a Lisboa proferir a conferência “A razão ardente”, a tradução do texto²⁰ é feita por O’Neill que, nessa altura, se apaixonou perdidamente por ela. Quis segui-la para França, mas não lhe foi concedido o passaporte, tendo a PIDE impedido a sua saída, considerada perigosa para o regime a sua saída de Portugal.

É bem conhecido o poema “Um Adeus Português”²¹, onde o poeta fixou esta sofrida experiência: “Nos teus olhos altamente perigosos / vigora ainda o mais rigoroso amor (...) Não tu não podias ficar presa comigo / à roda em que apodreço / apodrecemos / (...) a esta pequena dor à portuguesa / tão mansa quanto vegetal / Não tu não mereces esta cidade não mereces / esta roda de náusea em que giramos / até à idiotia / (...) tu és da cidade aventureira / da cidade onde o amor encontra as suas ruas / onde morres ou vives não de asfixia / mas às mãos de uma aventura (...) digo-te adeus / e como um adolescente / tropeço de ternura / por ti.”²².

É notória a crítica do provincianismo português, mas, mais ainda, a denúncia da opressão e do medo instaurados pelo regime salazarista. Em contraponto, é detetável a heteroimagem idealizada que O’Neill tece da cidade dos artistas — a cidade que, segundo o poeta, preza e preserva a liberdade.

Depois de ter sido preso em 1953, por ter participado na recepção de Maria Lamas, as suas atividades são vigiadas. Em 1965, não lhe é concedida autorização para sair do país — o que o poeta não acata saindo a 9 de Julho para França²³.

²⁰ MARINHO, Maria de Fátima – *O Surrealismo em Portugal*. Lisboa: IN-CM, 1987, p. 67.

²¹ O poeta integrou, depois, este poema no volume de poesia *No Reino da Dinamarca*, publicado em 1958.

²² O’NEILL, Alexandre – *Poesias Completas*. 3.^a ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2002, p. 52.

²³ TCHENG – *Op. Cit.*, p. 203.

Não espanta, pois, que através da sátira e do humor – recursos estilísticos muito utilizados pelos surrealistas — Portugal seja reiteradamente fustigado em vários poemas, entre os quais se destaca o célebre poema intitulado “Portugal”, que inicia o seu volume de poesias intitulado *Feira Cabisbaixa*, de 1965: “Ó Portugal, se fosses só três sílabas, / linda vista para o mar, Minho verde, Algarve de cal, /(...) Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo, / (...) feira cabisbaixa, /meu remorso, /meu remorso de todos nós...”²⁴.

No rol de temas recorrentes, salienta-se o tema da ignorância do país e a desconstrução da falsa da imagem e do falso autoimagotipo construídos pelo regime, como O’Neill expõe no poema “O País Relativo”, publicado no volume anteriormente referido: “País por conhecer, por escrever, por ler... /(...) País dos gigantones que passeiam / a importância e o papelão, /inaugurando esguichos no engonço / do gesto e do chavão. / (...) País pobrete e nada alegrete, / baú fechado com um aloquete (...)”²⁵.

Sob uma grande influência dos princípios do Surrealismo francês, os surrealistas procuram criar associações inusitadas, expressar o ineditismo do “acaso objetivo” e da “escrita automática” que rejeita o controlo da razão, explorando para tal diferentes procedimentos artísticos, entre os quais se encontram, por exemplo, as colagens, os ‘inventários’, as ‘definições de dicionários’. No caso português, acresce que estes procedimentos tinham também um propósito político, pois a associação de ideias e imagens ao acaso tornava mais difícil a interpretação das mensagens, tal como os procedimentos referidos ajudavam a encriptar os significados, permitindo assim carrear mensagens mais difíceis de censurar, pela estranheza que apresentam.

Em Cesariny ressaltam os temas da morte, do perigo e da demanda solitária, tal como acontece, por exemplo, no “Poema podendo servir

²⁴ O’NEILL – *Op. Cit.*, p. 211.

²⁵ O’NEILL – *Op. Cit.*, p. 226.

de posfácio”, publicado na obra *Discurso Sobre a Reabilitação do Real*, de 1952: “ruas onde o perigo é evidente / braços verdes de práticas ocultas / cadáveres à tona de água / girassóis / e um corpo / um corpo para cortar as lâmpadas do dia /(…) ou um rosto um rosto solitário como barco em demanda de vento calmo para a noite”²⁶.

Sem recursos, perseguido pelo regime e hostilizado pelo seu estilo de vida, Cesariny apresenta-se como um ‘outsider’, configurando assim uma outra espécie de exílio: um ‘estar fora’ do centro — um exílio-margem. Não admira então que o poeta afirme no seu poema “Autografia”, publicado na obra *Pena Capital*: “O meu nome está farto de ser escrito na lista dos tiranos: condenado à morte!”²⁷.

Gradientes do sentimento de exilado nas vivências surrealistas

Estes casos permitem pensar uma espécie de cartografia das situações de exílio que parte do desenho dos gradientes de afastamento relativamente a um centro “oficial”, ou, pelo menos, um centro social — mais imposto do que aceite.

Neste sentido, e continuando a percorrer as situações de exílio, pode salientar-se a figura de António Pedro que esteve primeiro ligado ao movimento dimensionista em Paris. Dentro de um espírito vanguardista efémera e ambigualmente apoiado pelo regime, em 1939, 1942 e 1943 participou nas exposições do Secretariado de Propaganda Nacional, pelo que esteve ligado à direita conservadora; porém, a falta de liberdade cedo o afasta desta ligação, vindo a ser conhecido pela sua voz de oposição ao regime quando é correspondente da BBC em Londres, de onde fez crónicas radiofónicas para Portugal, durante os últimos dois anos da 2.^a Guerra Mundial. No Reino Unido adere ao movimento surrealista inglês. Por estas razões, para o regime, ele

²⁶ CESARINY – *Op. Cit.*, p. 100.

²⁷ CESARINY – *Op. Cit.*, p. 36.

apresenta-se como alguém que envia e traz ‘ideias perigosas’ para o país — o que se vem a comprovar pelo seu envolvimento na campanha de Norton de Matos, em 1949. Depois de ter vivido algum tempo em Lisboa, com o endurecimento do regime, a partir de 1951, resolve “autoexilar-se” partindo para Moledo, no Minho, onde se dedicará sobretudo à cerâmica (ainda que com algumas incursões no teatro e em outras atividades artísticas). Esta outra situação, poder-se-á designar por **exílio intramuros**.

Configurando um grau de afastamento maior surge o caso do **exílio-migratório** do pintor Cruzeiro Seixas que decide entrar para a Marinha Mercante em 1951, partindo primeiro para o Oriente e depois, em 1952, para Angola, que abandonará, com grande pena sua, aquando da guerra colonial.

Um outro grau diferente será o do **exílio-fuga** representado no caso, acima referido, do pintor e fotógrafo Fernando Lemos: embora procurado pela PIDE, o engano propiciado pela diferença entre o nome artístico e o nome real permitiu-lhe obter o passaporte e partir para o Brasil como emigrante. Semelhante a este é também o caso de Mário Henrique Leiria que “foge” para o Brasil depois da singular (porque algo ingénuo e divertida, mas também engenhosa e corajosa) “Operação Papagaio” — o assalto fracassado ao Rádio Clube Português — que o levou à prisão²⁸.

Um caso diferente é o de António Dacosta que parte para Paris em 1947, mas, estranhamente, deixa de pintar — gesto a que os alguns companheiros atribuíram um certo carácter mítico. Ele representa aquilo que se pode designar por **exílio-desistência**, ou **exílio-deserto** da alma.

²⁸ LOURES, Carlos – “Operação Papagaio — a ação armada dos surrealistas contra a ditadura (A realidade competindo com a ficção). *Estrolábio* [Em linha], 8 de julho 2010. Disponível em: <http://estrolabio.blogs.sapo.pt/286715.html>

Diferente se apresenta o caso do poeta Ant3nio Maria Lisboa, figura singular, aureolada e mitificada sobretudo por Cesariny, que ilustra uma situa73o que se poder3 designar por **ex3lio demandado**. Com efeito, em 1949 parte para Paris, onde fica por dois meses, levando por miss3o falar com Andr3 Breton com quem Cesariny j3 se tinha encontrado. Trata-se agora de colocar em contacto o grupo “Os Surrealistas”, dito Grupo dos Surrealistas Dissidentes, com os surrealistas franceses e explicar as dissid3ncias portuguesas e as diferen7as de posicionamento. A sua correspond3ncia, publicada por Cesariny, constitui um testemunho do maior interesse para se perceber quer a internacionaliza73o do surrealismo portugu3s, quer as diverg3ncias entre os grupos, quer ainda como o regime salazarista lidou com estes artistas. De Paris vai explicando aos amigos as cis3es, as dissid3ncias do Surrealismo franc3s, entre as quais a expuls3o de V. Brauner. Importa salientar que Ant3nio Maria Lisboa 3 um autor fundamental na teoriza73o do surrealismo portugu3s: al3m de ter escrito, em 1950, *Erro Pr3prio*, o principal manifesto do surrealismo portugu3s, redigiu o texto *Afixa73o Proibida*, em colabora73o com M3rio Cesariny. Mas desde muito cedo abra7a a dimens3o m3tica ou m3gica do surrealismo, avan7ando para uma compreens3o m3stica da sobrerrealidade, 3 qual acrescenta um conhecimento mais profundo do Hindu3smo, da Egiptologia e do Ocultismo. Desde muito cedo fala em viajar para outros pa3ses, como, por exemplo 3 China, 3 Noruega, ao Oriente²⁹. Apesar do estado avan7ado da sua tuberculose, em 1951, resolve fugir da asfixia portuguesa³⁰ e regressar a Paris, de onde pretendia partir para o Oriente. Por3m, sem dinheiro e cada vez mais doente, retorna a Portugal, onde morre, em 1953, com 25 anos.

²⁹ CESARINY, M3rio – *Vieira da Silva. Arpad Szenes ou o Castelo Surrealista*. Lisboa: Ass3rio & Alvim, 2008, p. 166-200.

³⁰ Tendo ido ao Porto e depois a Braga afirma: “Isto de viver nos arredores do mundo 3 asfixiante. Quanto mais pequena 3 a terra mais “3 rasca” fico.” (*Idem*, p. 186).

No espectro de gradientes traçado, pode ainda identificar-se um caso extremo³¹ — o de um **exílio de alienação** representado pelo caso do artista José Leonel Rodrigues. Também ele aluno da Escola António Arroio, pertenceu ao grupo do Café Herminius que foi apanhado pela PIDE na década de 40 quando fazia pichagens em Campo de Ourique com a frase “Morte a Salazar”. Considerado como capaz de matar o chefe de Estado, foi tão maltratado pela PIDE que endoideceu. Ensimesmou e, obcecado com perseguições, tornou-se incapaz de falar. Fugiu da família e só reapareceu muitos anos depois. Foi o irmão, Martins Rodrigues, conhecido membro do PC, que cuidou dele até ao fim³².

Exílio e condição de apátrida

Diferente e extrema, embora ainda interligada com a questão do exílio, se manifesta a condição vivida por Vieira da Silva: a célebre pintora experienciou não só o **exílio**, como também a **emigração** e, para além disso, viveu na condição de **apátrida**.

³¹ Outra situação insólita é a morte de Pedro Oom que morre de ataque cardíaco no dia quando festejava com amigos a liberdade trazida pela Revolução dos Cravos, quando regressavam do exílio em Paris os artistas José Mário Branco, Luís Cília, bem como Álvaro Cunhal. Em 28 de abril de 1974, os portugueses viviam o seu primeiro domingo em Liberdade. Na página 11 do *Diário de Lisboa* era notícia a morte de Pedro Oom. “O irreverente e talentoso poeta surrealista Pedro Oom, figura muito conhecida da Lisboa literária e boémia, frequentador assíduo do café Gelo ao tempo em que ali se reunia o grupo em que pontificavam Mário Cesariny de Vasconcelos, Luiz Pacheco e outras personalidades daquela corrente estética, morreu ontem de comoção provocada pela queda do fascismo em Portugal” (informação divulgada, em abril de 2011, no blogue “cais do olhar”. Segundo Carlos Loures, o poeta Pedro Oom teria comentado com João José Forte: “Nunca esperei ver uma coisa destas, os pides a fugir de nós!” (...) Morreu, de emoção, de alegria, no dia 26 de abril, às 14,30, quando no “Restaurante 13”, festejava com uns amigos a queda do regime fascista”.

³² PEREIRA, José Pacheco – “Francisco Rodrigues Martins nos blogues e nos jornais”. *Estudos sobre o Comunismo. Os movimentos radicais da esquerda e a oposição ao Estado Novo* [Em linha], 27 de abril 2008. Disponível em: <http://estudosobrecomunismo2.wordpress.com/2008/04/27/francisco-martins-rodrigues-nos-blogues-e-nos-jornais/>

A longa duração do problema legal causado pelo seu casamento e as permanentes dificuldades enfrentadas pela sua vivência no estrangeiro constituem uma marca indelével do exílio sofrido por Vieira da Silva e estão bem presentes em comentários e cartas onde a artista expressa o modo como a sua condição de exilada subsiste como uma cicatriz que dói por longo tempo. Esta experiência dá-lhe uma dolorosa consciência do carácter tardio e da inoperância das homenagens e das atenções que mais tarde teve em Portugal. Por isso um dia disse a Jaime Isidoro que dirigia a Galeria Álvarez no Porto³³ que não gostava muito dos portugueses que “hoje não me pagam com milhões, duzentos escudos [de outrora].” O galerista não entendeu e pintora explicou: “Todos os jovens em Portugal têm quem lhes compre um quadro por 200\$00. E eu nunca tive! E agora pagam milhões pelos meus quadros.”³⁴

Em 1930, Vieira da Silva casa com o pintor húngaro Arpad Szenes, tendo perdido, à face do antigo Código Civil, a nacionalidade portuguesa, considerando-se, a partir desse momento, cidadã húngara. Com os acontecimentos políticos verificados na Hungria aquando da última guerra, Vieira da Silva e Arpad Szenes passaram à situação de apátridas residentes em França. Fugindo da guerra, em 1939, permanecem quase um ano em Lisboa, mas Vieira da Silva não consegue ver reconhecida a sua nacionalidade portuguesa³⁵. O casal

³³ Num texto que escreveu sobre a pintora, Jaime Isidoro explica: “Entendi que a pintura de Vieira da Silva era incompreendida em Portugal. A partir daí (anos 50) dediquei-me à divulgação em Portugal da obra de Vieira da Silva” (CESARINY, Mário – *Vieira da Silva. Arpad Szenes ou o Castelo Surrealista*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008, p. 129).

³⁴ ISIDORO, Jaime – *Au fil du temps: percurso fotobiográfico de Maria Helena Vieira da Silva*. Lisboa: Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, 2008, p. 129. Disponível em linha: <http://fasvs.pt/index/search>.

³⁵ Esta recusa de concessão de identidade portuguesa sobrevém mesmo tendo a artista participado no concurso de vitrines na Rua Garrett proposto pelo Secretariado da Propaganda Nacional e tendo sido premiada e apesar de pintar, por encomenda do Estado, um quadro com destino à Exposição e do qual diversos artistas participaram. Vieira da Silva concorreu com as vitrines: *Luva com Flores* para a casa Luva Verde,

emigra, em 1940, para o Brasil, onde entra em contacto com outros emigrados e exilados. Os dois artistas são bem acolhidos e participam em eventos culturais e exposições, ficando no Brasil até 1947.

De regresso à Europa, Vieira da Silva tenta novamente obter o passaporte português, mas é-lhe dito que apenas o poderia fazer mediante o pedido de bilhete de identidade como solteira. Se Arpad Szenes estava disposto a aceitar a situação, a pintora não quis o passaporte português obtido assim. Em 1952, enviou ao conservador da Conservatória dos Registos Cíveis Centrais de Lisboa, um requerimento para obtenção da nacionalidade:

Maria Helena Vieira da Silva Szenes, casada, pintora de arte (...) vem expor a V. Excia. o seguinte:

É filha legítima de [pais] portugueses, nascida em Lisboa (..) sendo, portanto, cidadã portuguesa de origem. (...)

Em novembro de 1939, a expoente celebrou o seu casamento segundo as Leis da Igreja Católica (...) Em consequência da última guerra (...) tanto a expoente como o seu marido perderam a nacionalidade húngara.

Pretende a expoente readquirir a nacionalidade portuguesa, com os seguintes fundamentos (...). Em primeiro lugar, porque a situação de apátrida não é desejada, e é contrária até aos princípios da lei portuguesa (...). Em segundo lugar, a expoente, cuja vida artística tem sido coroada de excelentes êxitos, é um valor do património nacional de Belas Artes.”

Segue uma extensa exposição do seu trabalho e o documento termina com a frase:

“Com a presente exposição, não tem em mira fazer realçar o seu *curriculum vitae* por mera e pueril vaidade, mas tão somente

Sapatos de 7 léguas para a Sapataria Garrett, e ainda *Bailado de Tesouras* para a Sheffield House, com a qual foi premiada.

fazer notar que no seu raio de ação profissional honra e divulga o nome da pátria portuguesa. E.R deferimento.”³⁶

Apesar da legalidade do documento e das razões apresentadas, é-lhe negada a obtenção de nacionalidade, tendo o casal adquirindo nacionalidade francesa em 1956.

Vieira da Silva, vivendo em Paris desde 1928, conheceu os artistas surrealistas, convivendo e colaborando com alguns, mas não integrou o movimento surrealista. Segundo Cesariny, Vieira da Silva encontrou os surrealistas, em 1931, no *atelier* de Hayter (entre eles, Ernest, Miró e, sobretudo, Tanguy), chegando mesmo a ter um convite formal de Breton para integrar o movimento surrealista na década de 50; contudo, a artista preferiu a liberdade singular relativamente ao conforto grupal³⁷. Manteve, no entanto, um estreito contacto com vários surrealistas portugueses que recebeu e ajudou em Paris. Foi considerada surrealista por Cesariny — assim o poeta a classificou explicitamente em 1973. Cesariny dedicará à sua obra vários anos de estudo³⁸ que culminaram no livro intitulado *Vieira da Silva. Arpad Szenes ou o Castelo Surrealista*.

³⁶ Publicado em *Flama*, 19/6/70.

³⁷ Em carta dirigida a Cesariny, em 1952, António Maria Lisboa comenta sobre Vieira da Silva: “Não se filia. Acha graça que os abstraccionistas a chamem abstraccionista e os surrealistas (?) surrealista. Não é uma intelectual no sentido em que exponha e defenda uma tese, antes realiza. São a pintura e a poesia que lhe interessa realizar e põe-se fora de toda e qualquer polémica que se desenvolva e corra fora. Vida interior densa e profunda, densa e dramática”. (CESARINY, Mário – *Vieira da Silva. Arpad Szenes ou o Castelo Surrealista*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008, p. 220).

³⁸ Ao comentar a exposição intitulada “Correspondências: Vieira da Silva por Mário Cesariny”, Sílvia Guerra afirma que “o percurso expositivo segue um pouco a ordem da vida dos artistas e a exposição termina dando vontade de voltar a ler e reler Cesariny.” Ainda neste mesmo texto, a autora explica como o “poeta conheceu a pintora ainda antes de a conhecer, através da sua pintura e foi um dos primeiros a exaltar o seu mérito na imprensa nacional. Pediu uma bolsa de estudos para estudar a sua obra e durante vinte anos concebeu uma obra que lhe iria dedicar *O Castelo Surrealista*, de 64 a 84.” GUERRA, Sílvia – “Correspondências - Vieira da Silva por Mário Cesariny”. Exposição no Museu Arped Szenes — Vieira da Silva (05 Junho -

Foi o poeta António Maria Lisboa quem falou primeiro de Vieira da Silva a Cesariny, como ele próprio diz em carta à pintora que hoje se pode ler porque foi recentemente publicada a correspondência entre Cesariny e Vieira da Silva³⁹.

Por fim, saliente-se que a publicação da correspondência entre ambos, bem como a de António Maria Lisboa, e, mais recentemente ainda, a publicação de manuscritos e documentos vários concretizada pelo Centro de Estudos do Surrealismo, aliadas a um mais fácil acesso aos Arquivos da PIDE, tornam visível como se foi tecendo uma rede de amizade e cumplicidade social e cultural entre os artistas surrealistas, permitindo mapear e estabelecer as diferenças explicitadas neste estudo. Contudo, as designações propostas para as diferentes situações de exílio, não visam uma arrumação ou compartimentação das vivências destes artistas que tanto pregaram a liberdade e dramaticamente por ela lutaram. Visam, isso sim, mostrar o modo persecutório com que o regime ditatorial os tratou, assim como visam expor o ostracismo a que os votou a sua política conservadora, originando todo este conjunto diversificado de formas de reagir — formas essas que intrinsecamente implicam modos diferenciados de se sentir exilado, até mesmo quando o exílio não é físico. Em oposição a todas as dificuldades enfrentadas pelos artistas surrealistas, e mesmo por entre as múltiplas dissidências, é possível ver como se foi gerando um conjunto de gestos e atitudes de interajuda, os quais ganham uma inegável dimensão simbólica “em tempos de escuridão”.

04 Outubro, 2008). Disponível em linha: <http://www.artecapital.net/exposicao-199-colectiva-correspondencias-vieira-da-silva-por-mario-cesariny>

³⁹ CESARINY, Mário – *Vieira da Silva. Arpad Szenes ou o Castelo Surrealista*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

Bibliografia

- BAILEY, Adrian J. – Turning transnational: notes on the theorisation of international migration. *International Journal of Population Geography. Special Issue: "(Re) theorising Population Geography"*, Vol. 7, No. 6 (November/December 2001), p. 413-428.
- CESARINY, Mário – “Entrevista” (realizada pelo jornalista Vladimiro Nunes). *Sol*, 7 de outubro de 2006. Disponível em linha: <http://cesariny.blogspot.pt>
- CESARINY, Mário – *Gatos Comunicantes - Correspondência entre Vieira da Silva e Mário Cesariny (1952-1985)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.
- CESARINY, Mário – *Manual de Prestidigitação*. Lisboa: Assírio & Alvim, Col. Biblioteca de Editores Independentes (BI), 2008.
- CESARINY, Mário – *Vieira da Silva. Arpad Szenes ou o Castelo Surrealista*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.
- CESARINY, Mário – *Pena Capital*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- GARROCHINHO, António – “Maria Lamas. Maria da Conceição Vassalo e Silva da Cunha Lamas (1893-1983)”. *Desenvolturas & Desacatos* [Em linha]. 26 de junho de 2011. Disponível em: <http://desenvolturasedesacatos.blogspot.pt/2011/06/maria-lamas-maria-da-conceicao-vassalo.html>
- GUERRA, Sílvia – “Correspondências - Vieira da Silva por Mário Cesariny”. Exposição no Museu Arped Szenes — Vieira da Silva (05 Junho - 04 Outubro, 2008). Disponível em linha: <http://www.artecapital.net/exposicao-199-colectiva-correspondencias-vieira-da-silva-por-mario-cesariny>
- GULLÉN, Claudio – “El sol de los desterrados”. In *Múltiples Moradas – Ensayo de literatura comparada*. Barcelona: Tusquets Editores, 1998.
- ISIDORO, Jaime – *Au fil du temps: percurso fotobiográfico de Maria Helena Vieira da Silva*. Lisboa: Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, 2008, p. 129. Disponível em linha: <http://fasvs.pt/index/search>
- LEVITT, Peggy; JAWORSKY, Nadia – “Transnational Migration Studies: Past Developments and Future Trends”. *The Annual Review of Sociology*, vol. 33 (2007), p. 129-156. Retrieved from: <https://www.annualreviews.org/doi/full/10.1146/annurev.soc.33.040406.131816>
- LISBOA, António Maria – *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, Col. BI., 2008.
- LOURES, Carlos – “Clube dos Poetas Imortais: Pedro Oom (1926-1974). *Aventar* [Em linha], 29 de novembro 2009. Disponível em: <http://aventar.eu/2009/11/29/clube-dos-poetas-imortais-pedro-oom1926-1974/>
- LOURES, Carlos – Operação Papagaio — a ação armada dos surrealistas contra a ditadura (A realidade competindo com a ficção). *Estrolábio* [Em linha], 8 de julho de 2010. Disponível em: <http://estrolabio.blogs.sapo.pt/286715.html>
- MARINHO, Maria de Fátima – *O Surrealismo em Portugal*. Lisboa: IN-CM, 1987.
- McCLENNEN, Sophia A. – *The Dialectics of Exile. Nation, Time, Language and Space in Hispanic Literatures*. West Lafayette/Indiana: Purdue University Press, 2004.
- O’NEILL, Alexandre – *Poesias Completas*. 3.^a ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2002.

PEREIRA, José Pacheco – “Francisco Rodrigues Martins nos blogues e nos jornais”. *Estudos sobre o Comunismo. Os movimentos radicais da esquerda e a oposição ao Estado Novo* [Em linha], 27 de abril 2008. Disponível em: <http://estudosobrecomunismo2.wordpress.com/2008/04/27/francisco-martins-rodrigues-nos-blogues-e-nos-jornais/>

ROCHA, Francisco Canais – “Norton de Matos A campanha eleitoral contra a ditadura fascista foi há 60 anos”. *Jornal da Fiequimetal*, n.º 4 (abril 2009).

SAID, Edward – *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TCHEN, Adelaide Ginga – *A Aventura Surrealista*. Lisboa: Colibri, 2001.

I
IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

1 2  9 0

UNIVERSIDADE D
COIMBRA